

COBRANÇA: Mães cobram mais políticas públicas para cuidar dos seus filhos com diabetes tipo 1



Especialistas e mães com filhos com diabetes tipo 1 demandaram o fortalecimento de políticas públicas para fazer frente à doença, nesta quinta-feira (08/05/25), em audiência pública da Comissão de Saúde da Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG). Elas relataram dificuldades para ter acesso a insumos básicos como insulinas, tiras, lancetas e glicosímetros.

O diabetes tipo 1 exige acompanhamento médico contínuo, acesso regular a insulina e a insumos adequados para o controle glicêmico. Surge geralmente na infância ou na adolescência, em decorrência de fatores genéticos ou autoimunes, e não se relaciona ao estilo de vida ou à alimentação.

Segundo a doutora em Medicina e coordenadora docente da Liga de Diabetes do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Natália Pena, há 499 mil pessoas com diabetes tipo 1 no Brasil. E a cada duas delas, uma morre sem ter sido diagnosticada, conforme a edição de 2025 do Atlas de Diabetes, publicado pela Federação Internacional de Diabetes (IDF).

Nesse sentido, Natália Pena defendeu mais políticas públicas para os pacientes que garantam diagnóstico precoce, tratamento multidisciplinar e educação em diabetes.

Enquanto a comunidade envolvida sonha com isso, a realidade é outra. Membro do Departamento de Farmácia da Sociedade Brasileira de Diabetes e do grupo de trabalho técnico de diabetes do Conselho Regional de Farmácia de Minas Gerais, Mônica Lenzi, disse que insulinas, tiras e lancetas chegam com atraso de semanas no Estado e pacientes peregrinam por unidades de saúde a procura dos insumos.

“Diabetes não é tudo igual”

Para a mãe pâncreas Daniela Resende, a principal bandeira de quem milita pela causa é “diabetes não é tudo igual”. Mãe pâncreas é o nome dado a mulheres que têm um filho com diabetes tipo 1 e se dedicam aos cuidados com eles.

Na opinião dela, o diabetes tipo 1 é tratado como uma porcentagem menor do tipo 2, mais usual na população. Dessa forma, a doença não é vista com suas singularidades.

“Há diferenças na causa e não tem cura. O tratamento pesado é para o resto da vida e visa reproduzir o funcionamento do pâncreas, que deixa de produzir insulina. E a insulina é fundamental, mas também traz riscos.” Daniela Resende-Mãe pâncreas

A insulina é um hormônio produzido pelo pâncreas. Ela ajuda a regular a quantidade de glicose no sangue.

A endocrinologista e presidente da Sociedade Brasileira de Diabetes - Regional Minas Gerais, Patrícia Fulgêncio, explicou que a glicose alta traz complicações crônicas, podendo evoluir para cegueira e necessidade de hemodiálise, por exemplo.

Já a falta de glicose no sistema nervoso central pode evoluir para uma hipoglicemia e para a perda de consciência, sem sintomas de alerta antes.

De acordo com ela, por isso é essencial monitorar a glicemia. A recomendação é aferir de oito a dez vezes ao dia, antes e depois das principais refeições e uma vez de madrugada. Mas, como disse, a quantidade de fitas fornecidas pelo Sistema Único de saúde é insuficiente.

Ainda segundo a endocrinologista, o padrão ouro no monitoramento e tratamento do diabetes tipo 1 é o sistema de infusão de insulina acoplado ao sensor de glicose contínuo.

Esse sistema mede continuamente os níveis de glicose no sangue, transmitindo esses dados para a bomba de insulina, que então ajusta a infusão de insulina. “Então evita a hipoglicemia grave à noite”, explicou.

Valéria Martins Campelo, servidora da ALMG, perdeu sua filha em decorrência do diabetes tipo 1 há dois anos. A filha não chegou a usar esse sistema de infusão de insulina, como relatou.

“Sofri para conseguir insumos. E minha filha morreu dormindo. O medo de toda mãe é o que eu vivi.” Valéria Campelo-Mãe pâncreas

Investir em cuidados sai mais barato

Também mãe pâncreas Luciana Alves Mourão, cofundadora do Instituto Tipo 1, ponderou que, para o poder público, investir em cuidados sai mais barato do que arcar com as consequências depois.

De acordo com ela, um sensor de monitoramento contínuo de glicose sai a R\$ 660 por mês e a insulina análoga a R\$ 600. Como afirmou, os custos anuais não chegam a R\$ 20 mil. Já o sistema de infusão de insulina acoplado ao sensor de glicose contínuo sai a R\$ 19 mil (inicial) com mais R\$ 4.300 (mês), gerando um custo de cerca de R\$ 50 mil por ano.

Por outro lado, ela disse que as complicações do diabetes tipo 1 como doença renal crônica e amputações podem gerar gastos maiores. Como relatou, o custo anual de hemodiálises é de cerca de R\$ 40 mil, por exemplo.

Diagnóstico representa ruptura brusca

Psicóloga do Ambulatório de Diabetes Tipo 1 da Santa Casa de Belo Horizonte, Márcia Ramos, abordou o impacto do diagnóstico do diabetes tipo 1 na vida do paciente e de suas famílias.

“É uma ruptura brusca da vida como era antes. O diagnóstico normalmente ocorre em um momento crítico, de internação, de uma ameaça real. A glicemia alta traz complicações e a baixa pode ser fatal. Os pais passam a viver em um estado de atenção permanente.” Márcia Salomão-
Psicóloga do Ambulatório de Diabetes Tipo 1 da Santa Casa

Como relatou, na maior parte das vezes, a mãe assume inteiramente os cuidados. Para isso, em algumas situações, larga o trabalho e passa noites sem dormir para medir a glicose do filho. A sobrecarga começa a gerar conflitos no casamento.

“A vida social da família fica abalada. Tudo exige planejamento, contagem de carboidratos, carregar insumos. A espontaneidade desaparece. Alguns amigos se afastam”, ressaltou, entre outros desdobramentos.

Foto: Divulgação

<https://www.jornalpanfletus.com.br/cp3.masterix.inf.br/noticia/6658/cobranca-maes-cobram-mais-politicas-publicas-para-cuidar-dos-seus-filhos-com-diabetes-tipo-1> em 30/06/2026 03:59